

ÀS VOLTAS COM SIMONE DE BEAUVOIR

Carolina Bernardini Antoniazzi¹

Resumo

Dada a importância da obra *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, ao debate contemporâneo dos estudos de gênero, cabe-nos analisá-la mais detidamente. Ressaltamos: ainda que Beauvoir não tenha se utilizado do conceito de gênero, seu trabalho figurou uma abertura para tanto. É também por seu caráter incipiente no tema que pretendemos analisá-la. Beauvoir é retomada por uma gama significativa de autoras contemporâneas: das radicais, como Shulamith Firestone, às teorias queer, como a de Judith Butler, passando por autoras que retomam a fenomenologia, como Iris Young, é quase impossível fazer teoria feminista sem Beauvoir. Este artigo analisa *O Segundo Sexo* desde uma perspectiva em que se pretende dar ênfase ao debate posto com a fenomenologia a partir do conceito de corpo próprio bem como ao papel da maternidade levantado pela autora ao longo de sua obra.

Palavras-chave: Beauvoir; *O segundo sexo*; gênero; corpo próprio; maternidade.

Abstract

Given the importance of Simone de Beauvoir's work "The Second Sex" to the contemporary debate on gender studies, it is our task to analyze it more closely. We emphasize: although Beauvoir did not use the concept of gender itself, her production has figured and opening for that. It is also because of its incipient character in the subject that we intend to go through it. Beauvoir is taken up by a significant range of contemporary authors: from radical ones, like Shulamith Firestone, to queer theories, like Judith Butler, through authors who take up phenomenology, like Iris Young, it is almost impossible to do feminist theory without Beauvoir. This article analyzes *The Second Sex* from a perspective that intends to emphasize the debate with phenomenology within the concept of one's own body as well as the role of motherhood raised by the author throughout her work.

Key-words: Beauvoir; *The second sex*; gender; one's own body; motherhood.

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP, onde cursa mestrado na mesma área. Email: carolina.antoniazzi@usp.br

Introdução

De início, devemos localizar a obra de Simone de Beauvoir: *O Segundo Sexo*, foi escrito em 1949, na França. Isso significa que o contexto em que escreve Beauvoir é evidentemente diverso do que se pode observar atualmente. Direitos positivos que hoje são assegurados na maior parte dos países, estavam em vias de implementação nos anos 40. O direito ao voto feminino foi consolidado na França apenas em 1945, no Brasil em 1934. O direito ao aborto — assunto que já é abordado por Beauvoir e ainda segue em disputa — é, até hoje, criminalizado em muitos países. Por esse motivo é necessário que levemos em consideração o tempo e o meio em que a autora desenvolve seus argumentos. Se por um lado é possível que se diga que certas análises foram superadas, como é o caso de parte do debate posto em relação à psicanálise e, portanto, alguns de seus desdobramentos, por outro lado é notável o quanto, mais de 70 anos após a publicação da obra, ela ainda se mantém recente, pertinente e viva. Ao longo deste percurso, indicaremos onde o texto pereceu com o tempo e as críticas cabíveis que foram feitas à autora.

Simone de Beauvoir escreve na primeira página da obra de dois volumes: “Em verdade, haverá mulher?” A autora busca responder a tal pergunta nas mais de 800 páginas escritas sobre o tema, mas ainda nesta primeira página, já nos dá uma resposta: “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher;” Há nesta frase dois pontos centrais que merecem destaque: a presunção de que há “fêmeas”² na espécie humana e o fato de que isso, por si só, não implica ser mulher, já que esta é um devir, como veremos minuciosamente. A assunção feita por Beauvoir estaria calcada na biologia dos corpos, no fato empírico observável, não havendo aqui um ponto de debate: “Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos metade da humanidade; (...)” (BEAUVOIR, 2009, vol. I, p. 10). Este fato, hoje questionado, é o que dá as bases tanto para a autora analisar a situação desse “ser mulher”, já que parte de sua situação significa nascer neste corpo “fêmea”, quanto para as críticas posteriores que, como veremos adiante, denunciaria que o próprio “sexo”, essa tal biologia, é uma construção social, derivando daí os problemas da heterossexualidade compulsória, por exemplo. Analisaremos oportunamente tais críticas à Beauvoir. Por ora, cabe-nos salientar o que constitui um sujeito para a autora em questão. Nas palavras de Beauvoir:

² Escolhemos manter o termo traduzido para o português ao longo deste texto ao invés de empregar termo semelhante como corpo *feminino*, a fim de garantir a coerência textual.

A perspectiva que adotamos é a da moral existencialista. Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto (*idem*, p. 26).

A realização da existência de um sujeito, portanto, está em lançar-se à um futuro indefinidamente aberto, através de seus projetos, como uma transcendência. A dimensão do corpo assume uma realidade vivida ao passo que é assumido por uma consciência através de suas ações no seio de uma sociedade. É por este motivo que o corpo é, ao mesmo tempo em que não é determinante, um fato relevante: “todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular” (*idem*, p. 10). Isto significa dizer que o corpo não determina as ações e projetos de um sujeito, mas o situa de determinada maneira. O corpo é, antes de tudo, condição da experiência vivida de um sujeito. Ou seja, o corpo é essencial para a constituição existencial de um sujeito. Sendo assim, é notório que o nascer em um corpo “macho” ou “fêmea” constituem situações diferentes. Mas, por outro lado, esse fato não implica numa definição sobre o que esse sujeito fará desta situação. Beauvoir gasta a tinta de sua pena para demonstrar que a situação do corpo da “fêmea” em nada justifica a inferioridade da mulher. Ela persegue a questão do porquê, portanto, à mulher foi relegado o lugar do *Outro*. Seguindo as palavras da autora:

Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência “em si”, da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito. Se lhe é infligida, assume o aspecto de frustração ou opressão. Em ambos os casos, é um mal absoluto. Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõe a condição do *Outro*. Pretende-se torná-la objeto, votá-la a imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial (*idem*, p. 26).

O trecho em destaque nos mostra, portanto, que a condição de *Outro* é imposta à mulher. A humanidade foi definida em relação ao homem: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o *Outro*” (*idem*, p. 13). Beauvoir pensa a alteridade a partir de Hegel, o que significa que uma consciência sempre é hostil à outra, ela sempre se põe em se opondo. Esse movimento cria o embate entre as consciências que habitam o mundo, querendo a que se afirma ser essencial, colocando o outro como o inessencial. Mas: “Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o *Outro* que se definindo como *Outro* define o *Um*; ele é posto como *Outro* pelo *Um* definindo-se como *Um*” (*idem*, p. 14). Acontece que, como

vimos, todo sujeito é transcendência e, para que a mulher não tenha tomado o lugar do homem — como aquela que se afirma como o essencial —, é preciso que haja algum motivo pelo qual ela tenha estado há tanto tempo em tal lugar, sem reivindicar o seu lugar de sujeito absoluto. Em outras palavras, o que se pode observar é que de fato haveria uma inferioridade das mulheres em relação aos homens — o que significa dizer que sua situação lhe oferece possibilidades menores —, mas o motivo de sua ocasião não é certo. Também não é certo que se sustente indefinidamente no tempo, visto que a humanidade é um devir histórico, isto é, se define pela maneira que assume sua facticidade natural. Dito de outro modo, a humanidade não é como outra espécie qualquer presente na natureza em que há um destino entrelaçado à sua biologia; o conjunto de humanos toma de seus meios aquilo que lhe pode alterar o futuro, construindo e constituindo outras realidades possíveis, a partir de sua localização no tempo e espaço. Os dados que se apresentam são os seguintes:

Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu. É, em parte, porque escapa ao caráter acidental do fato histórico que a alteridade aparece aqui como um absoluto (*idem*, p. 15).

1 - O sexo biológico como elemento de distinção

Como dissemos, Beauvoir toma como fato o sexo biológico para traçar uma primeira distinção entre homens e mulheres. Apesar das críticas que possam se desenhar a partir daí, como veremos a frente, o desenlace de tal distinção não é de forma alguma necessário, essencial ou biologizante. Seguiremos o raciocínio de Beauvoir a partir dessa premissa, portanto. O fato é que sempre houve mulheres na história e, como a autora afirma, estas sempre estiveram subordinadas aos homens. Não houve, contudo, um marco histórico que pudesse delimitar as fronteiras e os motivos de tal subordinação, como, por exemplo, a escravidão na história das pessoas negras. O que parece, portanto, é ser mais possível alterar uma situação que se deu no tempo do que aquela que parece ser natural. Apesar de a natureza, assim como a realidade histórica, não ser um dado imutável (*idem*, p. 15). Em parte, a dificuldade de unificação entre as mulheres poderia explicar o porquê de não haver uma coalizão para mudança de sua situação de modo a extirpá-la por completo. Elas “não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo” (*idem*, p. 16), pois elas estão dispersas entre os homens, e os laços que as unem à eles não encontra comparação com nenhuma outra relação opressiva de que se tem notícia.

Das relações que estabeleceram com os homens, não são apenas aquelas de opressor e oprimido — há camadas diversas que tornam o problema complexo. E, sendo colocada nessa situação inferior, cria-se um ciclo tortuoso do qual é difícil se desvencilhar. É por isso que Beauvoir pode afirmar que muitas mulheres acabam por se comprazer com o lugar que lhes foi indicado, tamanha é a dificuldade para se lançar em outros caminhos. Ocorre que ao fazer isso por escolha, estaria negando sua liberdade, recaindo na má-fé. Nas palavras da autora: “Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e se constituir em coisa” (*idem*, p. 18). Há certo alívio neste caminho já que há sempre tensão e angústia em se lançar ao novo, ao desconhecido, à existência autenticamente assumida. Note-se aqui, porém, que este caminho também pode ser adotado pelos homens, como sugere Beauvoir ao longo da obra. O que nos interessa é, contudo, a situação da mulher. Voltemos à questão que se coloca, então, do porquê à mulher foi atribuído o papel do Outro.

Beauvoir inicia seu percurso investigativo a partir daquilo que constitui a situação da mulher: seu corpo. É este o primeiro dado com o qual deve se haver em seu devir. Para tanto, na primeira parte do primeiro volume, analisa os dados da biologia. Logo lemos: “O termo ‘fêmea’ é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo” (*idem*, p. 31). Como temos conhecimento hoje, Beauvoir foi a autora que com maior proeza conseguiu despedaçar a ideia de que a mulher seria inferior por conta de seu sexo biológico, desatrelando biologia e destino. Busca-se saber, então, que espécie singular de “fêmea” se realiza na mulher e se esta tem alguma semelhança com as outras fêmeas do reino animal.

É neste momento que vemos a aproximação de Beauvoir com Merleau-Ponty, já que “A presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular” (*idem*, p. 35). Ou seja, à experiência é imprescindível o corpo, mas a estrutura que este assume não tem relevância para o seu lançar-se ao mundo. A autora cita Merleau-Ponty para entender o corpo³ como existente situado singularmente.

Beauvoir percorre a tradição filosófica para demonstrar como a separação dos indivíduos em machos e fêmeas foi tomada como fato irreduzível e contingente, sem pretender, contudo, explicá-la exaustivamente. Deste ponto, as teorias associavam o papel da fêmea a um

³ Note-se que Simone de Beauvoir, no que diz respeito ao corpo, aproxima sua teoria mais de Merleau-Ponty do que de Sartre.

princípio passivo e negativo enquanto ao macho caberia o papel ativo e positivo, como a teoria aristotélica que associara a mulher no processo reprodutivo como receptora do princípio ativo masculino, “ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador” (*idem*, p. 36). Segundo a autora, esta teoria perpetuou-se durante toda a Idade Média até a época moderna. Diga-se de passagem, o princípio básico fundamental, em que à mulher cabe passividade e ao homem atividade, ainda encontra eco nas refutações teóricas recentes. Beauvoir passa à uma análise mais detida da biologia a fim de entender a diferenciação entre machos e fêmeas, notando-se que o fato que diferencia os dois organismos nas espécies é a função que presta na reprodução. Os mamíferos seriam aqueles que apresentariam as formas mais complexas de vida. A fêmea é aquela que sofre os encargos da maternidade ao passo que o macho pode desinteressar-se da cria após o coito — o que não se verifica, contudo, sem exceções. De fato, no topo da escala animal, há duas representações de aspectos diversos da vida da espécie; isto não quer dizer, contudo, que sua oposição se dê nos termos de atividade e passividade. O intuito é a perpetuação da espécie, possuindo cada qual sua parcela de criação e manutenção da vida.

Ao tratar da humanidade as questões se complexificam. Segundo Beauvoir, “Uma vez constituídos, os aparelhos genitais são, em ambos os sexos, simétricos. (...) É sua evolução funcional que a distingue [a fêmea] do macho” (*idem*, p. 53). Isto significa que não há, de antemão, qualquer dado biológico que possa evidenciar ou fundamentar nenhum tipo de atribuição de passividade ou atividade à qualquer um dos sexos. É na função que desempenha para a vida de cada mulher que seu corpo pode lhe distinguir do macho. Segundo a análise, o desenvolvimento do homem é relativamente simples, passando pela puberdade, chegando à idade adulta e à velhice sem muitas reviravoltas ou implicações. “A história da mulher é muito mais complexa” (*idem, ibidem*). Isto significa que as funções fisiológicas do corpo feminino estão atrelados à história de sua vivência. Dito de outra forma: não há, desde o momento de sua análise, pura e simplesmente uma definição acerca das funções que serão desempenhadas pela mulher. Mas, estando Beauvoir inserida num contexto histórico, médico e científico preciso, são sobre estes aspectos que analisará o desenvolvimento de uma mulher. Portanto, cabe-nos fazer um apontamento: apesar de já termos superado muitas questões trazidas por Beauvoir no campo científico acerca do desenvolvimento do corpo feminino, bem como da funções de alguns órgãos, sua análise está imbricada nas narrativas feitas ao longo da história sobre as mulheres, e ainda se mostra válida. Isto é particularmente importante no que se refere à reprodução: no que diz respeito à menstruação e os hormônios envolvidos neste processo fisiológico, existe contemporaneamente um grande domínio sobre o tema e, na maioria dos

países, este acontecimento é visto de forma cotidiana, não estando mais atrelado a mitos e crenças infundadas, ainda que, em alguns casos, mulheres sofram com o estigma narrado por Beauvoir. Além disso, devido ao avanço do conhecimento científico, diversos métodos comprovadamente eficazes de contracepção são mais amplamente conhecidos pelas mulheres, ainda que não difundidos inteiramente⁴.

Curioso notar também que, já neste ponto, Beauvoir trata da gestação como um “trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios” (*idem*, p. 57). A autora chama a atenção em nota para que o ponto de vista adotado é o fisiológico, ou seja, é possível que a maternidade seja positiva à mulher psicologicamente. Mas, considerando que sua análise está pensando o corpo enquanto aquilo que situa necessariamente a mulher, é de se notar que o fato de ser ela a encarregada da gestação é aquilo que a coloca, num primeiro momento, numa relação de servidão para com a espécie. Somente com o advento da menopausa é que a mulher “acha-se libertada da servidão da fêmea; (...) não é mais presa das forças que a superam: coincide consigo mesma” (*idem*, p. 58). O parto é encarado como doloroso e perigoso, acarretando uma crise à este indivíduo, já que o corpo não o satisfaz ao mesmo tempo em que satisfaz a espécie. Este conflito está presente também no aleitamento que muitas vezes é verificado em detrimento do próprio bem estar da mãe. Segundo Beauvoir, essa fragilidade que o corpo feminino assume no tocante à reprodução é um elemento hostil, já que a espécie a corrói. Como notamos, se esta foi a situação da mulher outrora, presentemente afirmar que o corpo fêmea da humanidade estaria preso à espécie é um quase absurdo⁵.

Como buscamos, assim como a autora, uma primeira causa do porquê às mulheres foi atribuído o papel de Outro, acreditamos encontrar aqui sua fonte mais contundente. Antes de atribuímos qualquer papel de gênero nas sociedades ou mesmo conferir valor às coisas, foi o fato do corpo fêmea ser o responsável pela reprodução da espécie a maior causa de opressão das mulheres:

Tal é a conclusão mais notável desse exame: é ela, entre todas as fêmeas de mamíferos, a que se acha mais profundamente alienada e a que recusa mais

⁴ No caso brasileiro, por exemplo, há relatos sobre a dificuldade em obter métodos contraceptivos no SUS, cf. VETTORE, 2022.

⁵ Apesar de termos a hipótese de que há opressão deste corpo potencialmente reprodutor, ou seja, deste corpo equipado com útero; além disso, apesar das conquistas científicas a este respeito, entendemos que não há socialmente uma verdadeira liberdade em relação à escolha da gestação. A história desenrola-se em profundo diálogo com a reprodução dos indivíduos. Ao colocarmos o foco de nossas lentes na gestação, é possível perceber como esta esteve no centro do desenrolar das sociedades e seus modos de opressão. Cf: FEDERICI, 2017.

violentamente esta alienação; em nenhuma, a escravização do organismo à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita: (...) (*idem*, p. 59).

Certamente a função reprodutora por si só não teria sido capaz de alçar à mulher o papel de inessencial; este processo se deu por causas múltiplas, como analisaremos. Mas, entendemos que grande parte dos outros motivos estão, de alguma modo, ligados à este. Beauvoir escreve mais a frente:

Esses dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. (...) Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. (...) Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada (*idem*, p. 60).

Apreender o corpo, portanto, em sua dimensão específica de “fêmea”, constitui o passo além da teoria merleu-pontiana que Iris Young sugere⁶ que Beauvoir fez. A descrição da experiência de um sujeito muda radicalmente caso esta materialidade seja levada em consideração. Isto não significa, contudo, que aspectos fisiológicos ou mesmo sociais sejam determinantes para a experiência de um indivíduo específico, já que cada sujeito é um devir único e toma para si como relevantes determinados fatos.

Sem dúvida, como vemos pelo trecho em destaque acima, este corpo não constitui destino imutável para este ser. Mas, se quisermos entender como, no campo social, a maioria dos seres que se encontram nessa situação foram oprimidos, este fator deve ser levado em consideração. Assim, a comparação entre machos e fêmeas da espécie humana só faz sentido se feita dentro de uma perspectiva humana. O homem — assim como a mulher — não é um ser dado, ele se faz ser o que é. Nas palavras de Beauvoir:

Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, é um vir a ser; é no seu vir a ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que se deveria definir suas possibilidades (*idem*, p. 62).

Isto significa que dizer da mulher não é encerrá-la em qualquer tipo essencial ou imutável, mas sim angariar fundos para poder observar quais são as possibilidades que à ela são dadas neste mundo. O que, portanto, ela pode fazer de sua situação. Pois, “o corpo não é uma

⁶ Cf. YOUNG, 2005.

coisa, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos” (*idem, ibidem*). É nessa relatividade que é preciso entender a análise do corpo enquanto situação. Com efeito, ao mesmo tempo em que não se pode negar que os fatos apresentados pela autora constituem situação inferior da mulher, tais fatos não têm sentido em si. A definição do corpo a partir da existência, torna a biologia uma ciência abstrata que depende de um contexto para entender o que significa inferior ou superior, fraco e forte, ativo e passivo. Certamente “na humanidade as ‘possibilidades’ individuais dependem da situação econômica e social” (*idem*, p. 63); isto se verifica porque, também na humanidade, os seres juntaram-se em sociedade, fundaram uma cultura e adotaram um sistema capitalista. Como se observa na literatura antropológica, há relatos de sociedades que operam sob outra lógica, como por exemplo a troca; neste caso, portanto, a situação econômica (enquanto pobres e ricos) não seria um fato relevante de comparação. Por fim, “Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza” (*idem*, p. 64). Logo, é deste corpo que se oferece uma reflexão: um corpo inserido socialmente, dentro de uma realidade material e histórica próprias.

Assim sendo, a autora analisará os pontos de vista psicanalítico e do materialismo histórico, compondo a parte da obra denominada “Destino”. A filósofa busca compreender, sob diversos pontos de vista, quais foram as bases que firmaram as mulheres como o sujeito inessencial, já que apenas a biologia, como vimos, não cria valores por si: “Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere” (*idem, ibidem*). É preciso saber, à luz de um contexto maior, o que a humanidade fez da “fêmea” humana. É a pesquisa ontológica, econômica, social e psicológica que pode fornecer as múltiplas causas do processo que enraizou a mulher em seu sexo. Em contrapartida, é preciso saber quais possibilidades, dentro deste cenário, são dadas à mulher no seio da sociedade para que possa realizar seus projetos, sua transcendência e sua liberdade. É também por esse motivo que o contexto de Beauvoir faz diferença quando trazemos tal análise para a contemporaneidade. Examinaremos o debate posto com a psicanálise primeiramente.

2 - Beauvoir e a psicanálise

A psicanálise realizou um imenso progresso ao considerar a vida psíquica como capaz de produzir efeitos reais no corpo-objeto da ciência mecanicista. Isto significa que o existente concreto não é apenas o corpo matéria descrito pelos cientistas, mas sim o corpo vivido pelo sujeito. Ao revestir de sentido humano essa realidade psíquica, pode-se encontrar fontes de traumas antes inexplicáveis. Em relação à situação da mulher, Beauvoir afirma: “A fêmea é

uma mulher na medida em que se sente como tal. Há dados biológicos essenciais e que não pertencem à situação vivida” (*idem*, p.67). A depender de como esse corpo “fêmea” constituir para o ser um elemento importante de sua vivência, terá maior ou menor importância. O exemplo fornecido é o da estrutura do óvulo frente ao clitóris; enquanto o primeiro não reflete sua situação, o segundo (sem nenhuma outra função finalista a não ser o prazer) aparece em primeiro plano⁷. É por isso que diz a autora: “Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (*idem, ibidem*). Há, portanto, a inversão de significante e significado: é a mulher que em se reconhecendo enquanto tal retoma aspectos de sua natureza biológica para lhes conferir valor no campo de suas afetividades, não o contrário.

Beauvoir aponta a edificação do sistema da psicanálise a fim de indicar que não pretende criticá-lo como um todo mas apenas no que este se refere ao estudo da mulher. Sigmund Freud foi o criador da psicanálise enquanto prática clínica de tratamento de transtornos psíquicos. Para edificar sua prática, o médico neurologista e psiquiatra fundou a teoria da psicanálise tendo por base o inconsciente e a libido. Ocorre que assim como Beauvoir está inserida em seu tempo e meio, Freud também esteve. A publicação de sua primeira obra de relevância, *A interpretação dos sonhos*, ocorre em 1899, contexto no qual a situação geral das mulheres era muito mais precarizada do que à época de Beauvoir. Isso diz da deficiência e da inovação proposta por Freud. Apesar de reconhecer a sexualidade da mulher tão constante como no homem, parece que Freud o faz a partir de um espelhamento. Ou seja, segundo a análise de Beauvoir, Freud não se preocupou com o destino da mulher em si, calcando sua descrição a partir do masculino. Mais: “Recusa-se a pôr a libido feminina em sua originalidade: ele a vê, por conseguinte, necessariamente como um desvio complexo da libido humana em geral” (*idem*, p. 68 - 9). Do mesmo modo como a humanidade era reconhecida enquanto masculino, assim o fez Freud, adaptando sua teoria às mulheres. Isto não significa que a crítica de Beauvoir não seja

⁷ Vejamos como este exemplo é um pouco mais complexo do que aparenta, a primeira vista. Isto porque, apesar de um sujeito situado por um corpo “fêmea” não se haver com as finalidades de seus órgãos reprodutivos, ou seja, caso não deseje reproduzir e nunca chegue a engravidar, ao menos por um período de tempo de sua vida deverá lidar com algumas particularidades de tais órgãos, como a menstruação, por exemplo. A situação é incomparável entre os sujeitos que vivenciam tal corporificação; mas o fato é que existem constrangimentos e efeitos sociais relacionados às vivências ditas femininas, como menstruar, engravidar, amamentar e parir. Mesmo que o sujeito não se reconheça enquanto mulher, não havendo nenhum desses órgãos significado para si, ainda assim, terá que se haver com tal facticidade. Isso significa que, por mais que o sujeito não se reconheça enquanto potência reprodutora, tendo contudo uma vida sexual ativa — possuindo no exemplo de Beauvoir, portanto, o clitóris maior importância do que seus óvulos, estes, ainda assim, se farão perceber. E, tal notabilidade pode ocorrer muito mais porque existem padrões sociais a respeito deste universo, do que por uma utilidade individual propriamente. Assim, embora alguns órgãos não lhe sejam relevantes para alcançar seus objetivos enquanto corpo vivido, há uma materialidade que se faz notar. Daí a importância e pertinência da descrição fenomenológica levando em consideração o habitar de um corpo específico.

pertinente, ao contrário. Igualmente não significa que Freud não tenha operado uma resignificação do sexual, incluindo as mulheres.

Uma grande diferença que Simone de Beauvoir aponta e que serve de base às suas críticas é em relação ao sistema erótico masculino e feminino. Entendia-se que a libido se desenvolveria de maneira idêntica em ambos os sexos, passando pela fase oral e anal até alcançar a fase genital, na qual a distinção se imporá. É de se notar, inclusive, que a sexualidade infantil até a fase fálico-genital tem uma característica anárquica e andrógina. Em relação ao homem, o erotismo estaria vinculado ao pênis e seu desenvolvimento maduro passará da fase autoerótica — em que aspira o prazer em sua própria subjetividade — para a heteroerótica — em que aspira o prazer num objeto outro, normalmente a mulher. Já em relação à mulher, o erotismo estaria cindido em dois sistemas: um clitoridiano, desenvolvido no estágio infantil e um vaginal, desenvolvido após a puberdade. Isto queria dizer que caso a mulher não atingisse o estágio vaginal de seu erotismo, permaneceria num estágio infantil, acarretando certas neuroses. Essa diferenciação será retomada diversas vezes por Beauvoir, inclusive no capítulo III da Primeira Parte do Tomo II, quando tratar da iniciação sexual da mulher. Sucodem dessa diferenciação muitas análises feitas por Beauvoir em relação à vida sexual da mulher que, por sua vez, acarretam diferentes supostos desvios.

Essa distinção de dois sistemas eróticos femininos dá notícias da própria tese da autora: sendo os homens aqueles que significam os humanos bem como aqueles que puderam transcender e ocupar cargos na medicina e pesquisa científica, o desinteresse por entender o sistema fisiológico da mulher fica evidente. O prazer da menina no estágio infantil estaria atrelado ao clitóris, uma zona masculina ligada à atividade, ao passo que sua maturidade seria alcançada pelo prazer vaginal, zona feminina ligada à passividade. Evidentemente essa suposição baseia-se na relação que a mulher deveria estabelecer com o homem, colocando este como objeto de seu desejo. Isto torna-se ainda mais claro quando há a afirmação de que ao permanecer no dito “estágio clitoridiano” a mulher tornaria-se frígida ou homossexual. A menina perceberia-se castrada não somente por não possuir um pênis, mas por ter de “abandonar” o erotismo clitoridiano que se supunha masculino e ativo e assumir seu erotismo vaginal, feminino e passivo. Toda essa análise psicanalítica que compreenderia dois estágios do erotismo feminino, uma “frigidez” decorrente do inalcançado “estágio vaginal” e que entenderia a homossexualidade num primeiro momento como reflexo de uma patologia é certamente ultrapassada e equivocada hoje em dia.

Ainda assim, a fisiologia do corpo “fêmea” é apenas muito recentemente estudada. Somente em 1998 que a médica urologista Helen O’Connel descreve a estrutura completa do

clitóris. A partir de tal estudo, compreende-se que a estrutura desse órgão é a única responsável pelo orgasmo feminino. O seu amadurecimento é verificado nos mesmos termos que o sistema erótico masculino, ambos os órgãos — pênis e clitóris — desenvolvendo-se da mesma estrutura básica. Isto significa que a sexualidade e o prazer feminino, enquanto pensamento relacionado ao órgão genital, está necessariamente ligado ao clitóris. Não há, como se imaginou, um orgasmo que seja vaginal⁸. Toda a diferenciação no sistema erótico feminino tornaria ainda mais complexa a sexualidade feminina quando, na realidade, ela é apenas tão, ou mais, potente que a masculina. Como adverte Beauvoir, a menina não tem inveja do pênis porque se sabe castrada mas sim, pelos privilégios atribuídos ao falo, como veremos em seguida.

Nessa esteira, a crítica mais ferrenha que Beauvoir faz à Freud diz respeito ao Complexo de Édipo. Este se desenvolve durante o estágio autoerótico em que a criança do sexo masculino fixa-se ao objeto de seu desejo representado pela mãe, direcionando sua inveja ao pai, identificando-se com este. Do medo de ser punido, deve reprimir seu impulso e sublimar seu desejo, temendo que o pai possa mutilá-lo. Do complexo de Édipo nasceria o complexo de castração. Dessas relações surgem os sentimentos de agressividade e autoridade. Caso a tendência incestuosa seja recalcada, o complexo desaparece e o filho liberta-se do pai. Em relação a menina, Freud desenvolve o Complexo de Electra: “Mas é claro que o definiu menos em si mesmo do que a partir da forma masculina” (*idem*, p.69-70). A menina fixaria-se na mãe inicialmente, assim como o menino. Porém, ao notar em si uma diferença com o pai, sente-se mutilada e passa a desejá-lo em detrimento da mãe; esta é quem interdita o desejo da menina. Em relação a ela, “Complexo de castração e Electra fortalecem-se mutuamente; o sentimento de frustração da menina é tanto mais doloroso quanto, amando o pai, gostaria de assemelhar-se a ele; e, inversamente, essa tristeza de não poder fortalece seu amor” (*idem*, p.70). Apesar disso, o complexo de Electra parece ser menos nítido do que o do Édipo tendo em vista que a primeira fixação é materna.

A seara da psicanálise é um terreno por demais complexo para pretendermos aprofundar sua análise. De todo modo, o ponto central que Beauvoir parece criticar em Freud é ele ter calcado sua análise sobre um modelo masculino. Mais que isso, toda a valorização atribuída ao falo e, por conseguinte, ao fato da mulher sentir-se um homem mutilado, provém de uma valorização prévia da virilidade. “A soberania do pai é um fato de ordem social e Freud malogra em explicá-lo” (*idem*, p. 71). Essa soberania é tomada como fato quando, na verdade, deveria

⁸ É com espanto, mas não surpresa, que ainda hoje pesem dúvidas acerca da sexualidade feminina. Há discussões que apresentam resquícios da divisão do sistema sexual em clitóris e vagina, bem como da desinformação acerca da anatomia do órgão sexual feminino. Tal debate, ainda hoje, não é pacífico.

ser explicada. A soberania do macho, do pai, do falo são tomadas enquanto existentes e dados e, afirma Beauvoir, Freud confessa que desconhece suas causas. O motivo pelo qual o pai supera a mãe, em determinado momento da história, é desconhecido. Assim, no que se refere à pertinência para nossa análise, cabe-nos indicar as consequências que Beauvoir tira do debate com a psicanálise. Ou seja, não nos interessa propriamente aqui a crítica à teoria psicanalítica em si, mas sim o fato de que esta mesma é desenvolvida sob as bases de uma compreensão de mundo que valoriza o pai em detrimento da mãe e o falo enquanto objeto simbólico de poder.

Beauvoir passa à uma rápida análise de Adler que entende, diferentemente de Freud que calçou sua teoria no desejo, que o homem visa a certos fins. As neuroses (perturbação do sentido social) provêm de uma distância entre o indivíduo e a sociedade que é temida por ele. Em certa medida, Adler é mais próximo ao argumento de Beauvoir, apenas até certo ponto. Vejamos:

No que concerne à mulher, seu complexo de inferioridade assume a forma de uma recusa envergonhada de feminilidade. Não é a ausência do pênis que provoca o complexo, e sim o conjunto da situação; a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos; o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina (*idem*, p. 72).

É todo o conjunto da situação vivida, portanto, que faz a menina invejar o menino. Mas não enquanto um complexo de castração e sim enquanto possibilidades que lhes apresentam de maneira mais contida. Note-se que, como Beauvoir analisará mais a frente, a própria educação dada à meninos e meninas era distinta, possuindo sérias consequências. Ao menino eram abertas todas as possibilidades para o mundo e sua vida tendia ao espaço público, ao trabalho remunerado; enquanto o futuro da menina estava atrelado à um “bom” casamento e, portanto, ao cuidado do lar e da família⁹. A sequência “natural” ao casamento seria a maternidade na qual então, segundo leitura de Beauvoir de Adler, a mulher encontraria na criança um equivalente ao pênis¹⁰. “Mas isso supõe que começa a aceitar-se integralmente como mulher e, portanto, que aceita sua inferioridade” (*idem, ibidem*). Mesmo entendendo que a inveja da menina ao menino provém de uma situação, ainda assim haveria uma necessidade de encontrar um equivalente ao falo; as semelhanças entre Beauvoir e Adler são breves. Assim como em Freud, o destino da mulher é o mesmo.

⁹ Certamente neste ponto seria possível adicionar um recorte de classe e de raça, já que o cuidado do lar e da família exclusivamente não era possível à muitas mulheres. Assim, muitas mulheres trabalhavam fora do âmbito privado, acumulando mais de uma função. Ocorre que o “destino perfeito” e o desejo de um bom casamento também era presente entre as classes mais baixas.

¹⁰ Note-se que esta também é a tese freudiana.

Em suma, segundo Beauvoir, o sistema psicanalítico possui uma fraqueza intrínseca já que há uma “*recusa sistemática da ideia de escolha e da noção de valor que lhe é correlativa*” (*idem*, p. 74). Por certo o existente é um corpo sexuado, assumindo a sexualidade não apenas um papel considerável mas a perpassando como um todo, já que é uma expressão concreta da existência. Ora, é a partir da existência que suas significações podem ser pensadas. É antes a relação que o sujeito e o mundo possuem, possuindo o mundo também significado, que pode explicar a sexualidade. Nas palavras de Beauvoir: “Não se deve encarar a sexualidade como um dado irreduzível; há no existente, uma ‘procura do ser’ mais original; a sexualidade é apenas um de seus aspectos” (*idem*, p.75). Da perspectiva adotada pela autora, portanto, o simbolismo foi elaborado, assim como a importância dada à ideia de falo: “o falo assume tão grande valor porque simboliza uma soberania que se realiza em outros campos” (*idem*, p. 77). Ou seja, é antes preciso situar a mulher num mundo de valores existentes para poder verificar-se em que medida suas ações são ações de liberdade. Pois, se sua “natureza” não é suficiente para defini-la como mulher, tampouco o é a consciência que tem de sua feminilidade, haja vista que esta é tomada dentro da sociedade que faz parte e que, por sua vez, prioriza o falo. Por fim:

Para nós, a mulher define-se como um ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer; nós a estudaremos numa perspectiva existencial através de sua situação total (*idem*, p. 81).

3 - Análise da condição da mulher sob a perspectiva do materialismo histórico

Dito isto, Beauvoir passa à análise do ponto de vista do materialismo histórico. A humanidade é outra coisa que uma espécie animal, ela é uma realidade histórica na medida em que estabelece com a Natureza uma relação de apropriação e não de passividade. Isto quer dizer que ao dominar os dados naturais, seja através de ferramentas ou do estudo científico dos dados do mundo para assim poder entendê-lo e manejá-lo, a humanidade opera na prática e de forma objetiva uma relação ativa com o mundo à sua volta. Criam-se assim sociedades com valores sociais, culturais e econômicos próprios. É no interior desse contexto que a situação da mulher deve ser analisada. Se em algum momento sua força física foi motivo de alguns trabalhos serem exclusivos aos homens, as invenções de máquinas e tecnologias suplantaram tal diferenciação. Beauvoir diz:

Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos, só têm importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da

sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade. (*idem*, p. 83)

Assim, a depender do contexto econômico e social no qual a mulher está inserida, os fatos de sua situação assumem determinado valor. Em relação à maternidade, por exemplo, caso a sociedade forneça maiores ou menores subsídios para a gestação, o cuidado e educação da criança, os encargos para a mulher serão variáveis. Caso pensemos numa sociedade que pretenda minimizar os efeitos da maternidade na vida das mulheres, o impacto que a reprodução causará na sua carreira profissional será menor, por exemplo. Beauvoir afirma que é de acordo com a perspectiva do materialismo histórico que Engels “retraça a história da mulher em *A origem da família*” (*idem*, p. 84). É quando a propriedade privada aparece que ao homem tudo passa a pertencer: os escravos, a terra e a mulher. “Nisso consiste ‘a grande derrota histórica do sexo feminino’” (*idem, ibidem*). É na passagem do regime comunitário ao da propriedade privada que a mulher passa a ocupar esse lugar de serva ao passo que o homem concentra todo o poder. Para assegurar a terra em sua posse, o direito materno transforma-se em paterno, ou seja, a transmissão da propriedade passa a se dar pela patrilinearidade ao invés da matrilinearidade. “É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida” (*idem*, p. 85). A mulher só conseguirá se emancipar quando puder participar da vida social em pé de igualdade, ou seja, quando tiver direitos juridicamente iguais e sua situação econômica for independente do homem. Neste sentido, o socialismo e o destino da mulher estariam entrelaçados, pois na sua vigência restariam apenas trabalhadores iguais entre si.

Seguido dessa breve análise de Engels, Beauvoir aponta que o autor não explica em absoluto o motivo que tenha acarretado a escravização da mulher quando da instituição da propriedade privada. “O materialismo histórico considera certos e verdadeiros fatos que seria preciso explicar” (*idem*, p. 86). Assim como a psicanálise afirmaria a primazia do falo sem entender de fato a causa primeira para tanto, o materialismo histórico consideraria o *homo oeconomicus* a partir de uma abstração, diante da qual as soluções buscadas para os problemas postos por Beauvoir não seriam encontradas sem sair dessa perspectiva, já que o indivíduo deve ser tomado como uma totalidade. Disso resulta que é “impossível deduzir a opressão da mulher da propriedade privada” (*idem*, p. 87). Segundo a autora, para entendermos a situação singular da mulher, seria “preciso ir além do materialismo histórico, que só vê no homem e na mulher entidades econômicas” (*idem*, p. 90). Assim é que, certamente, apesar das contribuições da psicanálise, enquanto entende o existente a partir de seu corpo em relação com os demais e do marxismo, enquanto entende o existente a partir de suas condições materiais concretas de

existência, há uma falha em não entender tal existente em sua totalidade. Há, segundo Beauvoir, um monismo sexual e econômico. É preciso que se considere que “o corpo, a vida sexual, as técnicas só existem concretamente para o homem na medida em que os apreende dentro da perspectiva global de sua existência” (*idem*, p. 91).

Outro ponto importante alçado por Beauvoir no que diz respeito à consideração da mulher enquanto trabalhadora, na perspectiva adotada por Engels, é que não poderia sê-lo sem má-fé. Isto porque, considerá-la unicamente como trabalhadora desconsideraria sua função reprodutora que, muitas vezes, é mais importante à economia social e sua vida individual. Para Beauvoir, não seria possível assimilar a reprodução como um simples trabalho ou serviço, uma vez que a mulher não empenha apenas tempo e força, mas sim, valores essenciais. Há uma violação muito maior ao exigir filhos de uma mulher do que regulamentar a vida de cidadãos e, apesar do Estado, segundo a autora, nunca ter instituído o coito obrigatório, “tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõe-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio” (*idem*, p. 89). Note-se que o produto gerado na reprodução é a própria mão de obra para o sistema capitalista — é esta denúncia que Silvia Federici faz em sua obra *Calibã e a Bruxa* (FEDERICI, 2017), além de nomear a reprodução enfaticamente como um trabalho. De tal modo que podemos pensar que quando Beauvoir afirma que a mulher, em algumas épocas, “é mais útil fazendo filhos do que empurrando a charrua” (BEAUVOIR, 2009, p. 88), o horizonte a que provavelmente mirava era o controle populacional. Fato é que a autora francesa levanta tal questão ao tratar das falhas presentes no materialismo histórico não como um problema em si mesmo a ser perseguido, como o faz Federici.

4 - Causas da hierarquia dos sexos

Em seguida, na segunda parte do tomo I de seu livro, denominada *História*, dividida em cinco partes, Beauvoir continua buscando as causas do mundo ter sempre pertencido aos homens. Segundo ela, “É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu” (*idem*, p. 95). A teoria de Beauvoir pressupõe a dialetização das consciências, na qual uma tenta se impor a outra. Cabe-nos notar neste ponto, que essa mulher que Beauvoir pensa, enquanto Outro, existe em relação ao homem, enquanto o essencial, o Um. Isto significa que toda sua teoria é calcada na oposição dos dois sexos — sendo a mulher o *Segundo Sexo* — e, mais, na relação entre ambos. Assim, a todo momento a autora está pensando essa mulher pressupondo uma relação com o homem; relação muitas vezes afetiva, emocional e sexual. Daí que surgem as

bases para tecerem-se críticas acerca da heterossexualidade compulsória. Acrescentaria brevemente, que o próprio pressuposto de um embate de alteridades, na qual a afirmação de um sujeito é a exclusão do outro porquanto diferente, tem por bases um pensamento colonial. A ideia do outro enquanto um ser diferente que coabita o mesmo mundo de maneira positiva pode ser encontrada nos pensamentos de povos originários das Américas. O outro não assimilável serve à lógica da exploração presente no colonialismo. Não nos aprofundaremos no momento sobre tais apontamentos, mas entendemos que sua indicação se faz necessária. Pois, como dissemos, Beauvoir participa de um contexto específico. Isto não significa, contudo, que não devemos observar as fragilidades de sua obra.

De todo modo, Beauvoir marca a capacidade reprodutiva como um dos fatores que foram cruciais para sua fonte de opressão: as mulheres eram tomadas por gestações, voltadas à sua imanência, impedidas de desenvolver outras atividades, tudo o que lhes trazia mais um encargo do que uma riqueza. A mulher suportaria passivamente seu destino biológico. Em consonância com a maternidade, o trabalho doméstico também a encerrava na imanência, pois repetitivo e nada de novo por produzir. Por entender a humanidade como esta que tende a superar-se e lançar-se no novo, abrindo o futuro, Beauvoir afirma que é arriscando a vida, antes que a engendrando, que o homem pode se erguer acima do animal. Ou seja, a superioridade está no homem guerreiro e não na mulher que perpetua a vida¹¹. “Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida” (*idem*, p. 99). Isto porque, a transcendência em direção ao futuro realizando projetos, consiste na criação e não na manutenção. A construção de um futuro frente a repetição do tempo é o que marca a humanidade. É por este motivo que Beauvoir afirma que “Temos aqui a chave de todo o mistério” (*idem, ibidem*). Há um superar-se frente a um repetir-se. E, é por isto também que dentro da perspectiva existencial a situação biológica e econômica das “hordas primitivas” deu-se a “supremacia dos machos”.

Cabe, portanto, à Beauvoir, investigar como tal situação se perpetuou e quais foram as possibilidades que foram dadas a este sujeito que foi definido, pelos homens, como o Outro. Em que pese Beauvoir indicar um primeiro passo em direção à opressão da mulher, é preciso que todos os fatos de sua situação sejam analisados para que possamos entender o lugar que a mulher ocupou e pode vir a ocupar na sociedade. É imperioso notar que a função reprodutora

¹¹ Mais uma vez, tal ponto de vista é derivado de uma lógica colonial da expansão, apropriação e construção de novos mundos. A filosofia africana aponta para o sentido contrário no que diz respeito ao que é louvado: matrigestão e matripotência. Cf. RIBEIRO, 2020.

nos dá notícias de um primeiro momento em que Beauvoir consegue localizar na dialética proposta a posição da mulher; isto não significa, contudo, que este seja um destino imutável para ela. A autora percorrerá a história, desde as sociedades agrícolas até o advento do capitalismo, costurando em sua análise a relação da Natureza com os indivíduos, bem como as instituições do casamento, da prostituição, da família, das leis e do direito, da igreja (em especial a cristã), da propriedade privada, das ideologias e da cultura para apresentar um estudo minucioso de como se deu a construção da figura da mulher. Isto possibilitará estudar os mitos (parte III) que circundam esta personagem, alguns presentes até hoje.

Não podemos deixar de notar, contudo, que a descrição feita por Beauvoir das experiências vividas do sujeito mulher de quem fala, certamente encontra eco na mulher branca ocidental. De modo que não vemos ali representada a realidade de mulheres pobres, negras, colonizadas e latino-americanas. Isto nos leva a observar, como já dissemos, que sua análise circunscreve-se num território, tempo e meio. Mas, por outro lado, também é verdade que a própria análise de Beauvoir abre espaço para pensarmos quaisquer corpos vividos. É justamente por ser seu pressuposto que a experiência vivida de um sujeito se dá de modo situado que é possível expandir os estudos da autora. No limite, o grande ganho teórico proporcionado por Beauvoir é justamente abrir espaço para pensarmos o sujeito enquanto corpo vivido e não enquanto essência ou natureza. E, também por isso, pensamos que as descrições feitas por Beauvoir no tomo II da obra que estamos analisando, já não mais se aplicam propriamente à realidade vivida de muitas mulheres. Toda sua análise relacionada à infância, à jovem, à iniciação sexual, à lésbica, à mulher casada, à mãe, à vida social, às prostitutas e à maturidade à velhice é calcada, em sua maioria, em pressupostos que já há muito se alteraram. Isto não significa descartar as palavras da filósofa, mas entender em que contexto se deram. Para encaminharmos nosso estudo a sua parte final, pinçaremos pontualmente mais algumas considerações feitas por Beauvoir.

Ao longo da análise da História podemos salientar alguns pontos decisivos para a condição da mulher nas sociedades ocidentais: o advento da propriedade privada, na instituição das leis com o direito, da ideologia cristã, do casamento e do capitalismo, todos estes emaranhados uns aos outros. “É quando os nômades se fixam ao solo e se tornam agricultores que se vê surgirem as instituições e o direito” (*idem*, p.101). Até o advento da ideia de posse do solo, a filiação era dada de maneira matrilinear — apesar de, como vimos, a função reprodutora ser mantenedora da espécie antes de criadora; a criação, enquanto movimento de transcendência, cabia aos homens. Assim, a propriedade privada demarca a posse da terra pelo

homem, momento este em que a mulher também passa a ser vista como sua propriedade e a filiação passa a ser patrilinear.

Não há, nos tempos primitivos, revolução ideológica mais importante do que a que substitui pela agnação a filiação uterina; a partir de então a mãe é relevada à função de ama, de serva, e a soberania do pai é exaltada: ele é quem detém os direitos e os transmite (*idem*, p.114).

As leis, portanto, contribuem para que apenas os homens tenham direitos e sejam vistos como cidadãos. O direito, desde o seu advento, sempre esteve em função e a cargo de interesses muito específicos. O direito à propriedade privada funda a maior fonte de opressão e desigualdade econômica, ao instituir o direito à herança aos filhos e ao arrancar da mulher quaisquer direitos de detenção e transmissão de bens. À mulher não é dado o direito de possuir, apenas ser possuída — ela é excluída da sucessão, ficando presa ao poder paterno. O casamento entra em cena como modo de criar laços entre diferentes famílias e comunicar bens, sendo a mulher negociada entre os homens. Beauvoir também se apoia em Lévi-Strauss para entender que as relações recíprocas eram estabelecidas entre os homens; as mulheres figuravam apenas como os bens a serem trocados por estes, como desenvolve Gayle Rubin em *O tráfico de mulheres*¹². Assim se dava o advento da família e a instituição da monogamia como forma primordial de relacionamento entre homens e mulheres. É de se notar que o marido possuía direitos absolutos sobre sua esposa expressos em lei, podendo tirar-lhe a vida, até muito recentemente¹³. A ideologia cristã contribuiu imensamente para a opressão da mulher. Desde a ideia de que Eva foi feita a partir da costela de Adão e foi ela que induziu-o ao pecado, toda a construção da figura da mulher no cristianismo opera para a sua submissão ao marido como o representante de deus.

Certamente, como a própria autora observa, o destino e a situação da mulher não foram lineares ou sem contradições. Apontamos aqui apenas os elementos centrais que contribuíram para o desdobramento desses efeitos no que observamos hoje. Logo, com o advento da propriedade privada criam-se as bases para o surgimento da acumulação de bens que, após as revoluções burguesas culminará no capitalismo. Assim, o capitalismo passa a explorar a mão de obra masculina criando uma cisão ainda maior entre detentores de direitos sobre a terra, sobre as mulheres e sobre os filhos. O casamento contribuía juntamente à ideologia cristã para submeter a mulher dentro do lar e ao jugo do marido. Toda essa lógica a mantinha dependente

¹² Cf. RUBIN, 2017.

¹³ No Brasil, esta herança é observada até hoje na jurisprudência existente da “legítima defesa da honra” utilizada por homens em casos de feminicídio.

e refém da figura masculina para sobreviver. Mas não só, era com o homem que deveria estabelecer uma relação amorosa e sexual, muitas vezes traumática, e assumir todos os encargos da maternidade. A consagrada figura da mulher como esposa, mãe e dona de casa, totalmente submissa e dependente. Quando essas mulheres conquistam postos no mercado de trabalho possibilitados com o desenvolvimento industrial, são mais exploradas que os trabalhadores do sexo masculino, recebendo “salários de fome” (*idem*, p. 166). Segundo Beauvoir, eram preferíveis porque trabalhavam melhor e mais barato. “Esta fórmula cínica esclarece o drama do trabalho feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano” (*idem, ibidem*). O que aconteceu, contudo, não foi uma solidariedade entre a classe trabalhadora oprimida, mas sim mais uma faceta da oposição entre homens e mulheres, já que os primeiros as viam como suas concorrentes.

O ingresso no mercado de trabalho acarretou mais uma obrigação para a mulher: conciliar as tarefas domésticas e do cuidado com a maternidade e, agora, com a vida na fábrica. A luta por direitos trabalhistas relacionados especialmente a realidade das mulheres, foram muito tardiamente conquistados. Beauvoir dá grande ênfase à conquista das mulheres de participação na vida econômica como um modo de conquista de sua própria pessoa, não estando mais presa às servidões da reprodução. Vemos como o advento do anticoncepcional, apesar de toda polêmica que o envolve¹⁴, é um marco para a libertação sexual das mulheres e do desatrelamento à sua função reprodutora. Acontece que tal libertação é apenas parcial: desde as análises de Beauvoir até hoje, a Igreja cristã e muitos Estados ocidentais criminalizam o aborto. Seguindo a própria autora, a sociedade opera numa lógica hipócrita: há uma defesa cega dos direitos ao “embrião”, pois assim que se dá o seu nascimento há o completo desinteresse da criança pelos mesmos que antes a defendiam. À mãe que não teve o direito ao aborto torna-se a única encarregada de seu cuidado pelo funcionamento dessa mesma sociedade.

Ademais, a conquista do ingresso no mercado de trabalho não libertou totalmente a mulher. Justamente por todo o histórico analisado por Beauvoir, caímos num círculo vicioso que afasta ainda as mulheres da real igualdade de direitos, salários e condição de sujeito nas sociedades ocidentais. Certamente é de grande complexidade analisar tais fatores levando em consideração a intersseccionalidade das opressões, mas não haveria de ser diferente. É certo que gênero, raça e classe estão intimamente atrelados, não sendo possível desejar a revolução de uma condição sem comunicá-la às outras. De modo que os mitos apresentados por Beauvoir, criadores do mito do “eterno feminino” ainda hoje possui resquícios nas sociedades capitalistas

¹⁴ Cf. PRECIADO, 2018.

ocidentais. Segundo ela: “Talvez o mito da mulher se extinga um dia: quanto mais se afirmam como seres humanos mais define nas a maravilhosa qualidade do Outro” (*idem*, p. 202).

Ora, os mitos servem para criar uma narrativa que contribua para que a própria mulher acredite neles. Tais mitos versavam especialmente sobre tudo que envolvia a sexualidade da mulher. Assim, mitos sobre a menstruação, sobre a sexualidade e principalmente sobre a figura da mãe constituem-se de forma ambígua, para que a mulher se despoje de seu corpo e de sua consciência, permanecendo como objeto para o outro. A figura da mãe é onde podemos observar com maior nitidez a ambiguidade com que foi narrada a mulher: é enquanto mãe na figura da Virgem Maria que a mulher é mais temível sendo necessário transfigurá-la. Ao querer conquistar a mulher, o homem pretende tomá-la para si e, ao fazê-lo, se perde o sentido mesmo de ter querido conquistá-la. O homem que deseja fazer de uma mulher sua esposa, perde seu desejo por ela quando o faz. É daí que a figura da mãe se torna mais uma vez crucial: é porque há proibição que o desejo é constituído. Neste sentido, Beauvoir oferece uma releitura ao Complexo de Édipo: não é que o filho deseje a mãe inicialmente e, portanto, proibições são estabelecidas. É porque o filho não quer ver a mãe como um ser carnal que o lembra de seu nascimento, o seu ser enquanto carne; a mãe deve ser um figura pura. O respeito é antes a sublimação de uma repugnância original. Assim, a figura da mãe como um ser puro, assexuado entra em embate com a relação desse filho crescido com sua futura mulher. A mulher assume assim a figura de um duplo que é decepcionante: ele é tudo o que o homem aspira e não alcança; ele projeta nela o que deseja e o que se teme, o que ama e o que detesta; ela é tudo, mas o é à maneira do inessencial: é todo o Outro. Sendo tudo, ela nunca é justamente o que deveria ser, é perpétua decepção:

Tesouro, presa, jogo e risco, musa, guia, juiz, mediadora, espelho, a mulher é o Outro em que o sujeito se supera sem ser limitado, que a ele se opõe sem se negar. Ela é o Outro que se deixa anexar sem deixar de ser o Outro (*idem*, p. 253).

Importante destacar que esse lugar de ambiguidade a que foi colocada a mulher é aquele no sentido de poder fazê-la pessoa para estabelecer relações mas sem deixar de alçá-la com o Outro. Essa ambiguidade, por certo, é negativa e lançada enquanto diferenciação binária entre bom e mau, positivo e negativo, ativo e passivo. Este sentido é diferente do atribuído por Merleau-Ponty (1999) à ambiguidade, posto que para este autor a ambiguidade não é de fato um lugar, tampouco entre um isto ou aquilo; é de fato um não lugar em que pode advir o questionamento do próprio pensamento binário. Um outro aspecto dessa ambiguidade pode ser observada na intersecção entre a facticidade e a liberdade que assume um indivíduo em sua

existência. Pois, a própria condição humana se vê embaraçada no enigma de assumir o seu corpo enquanto facticidade — o que, no caso da mulher, como vimos, é superposto por discursos que o jogam numa imanência e infeliz ambiguidade — ao passo que deve assumir sua liberdade, lançando-se ao futuro aberto e indeterminado. O que nos demonstrou Beauvoir, é que o horizonte de possibilidades abertos ao futuro da mulher muitas vezes encontra barreiras impostas pelo homem, pela sociedade que foi por ele criada. Definir também a mulher seria um equívoco, já que está sempre em devir.

O fato é que ela se veria bastante embaraçada em decidir *quem* ela é; a pergunta não comporta resposta; mas não porque a verdade recôndita seja demasiado móvel para se deixar aprisionar: é porque nesse terreno não há verdade. Um existente não é senão o que faz; o possível não supera o real, a essência não precede a existência: em sua pura subjetividade o ser humano *não é nada* (BEAUVOIR, 1999, p. 333).

É portanto em suas ações, em sua transcendência, na abertura para o mundo, que encontramos o sujeito. Não há essência que defina o que é uma mulher, pois esta se dá concretamente em suas ações no mundo, em sua existência, em seu devir. O que ocorre, porém é que “para grande número de mulheres os caminhos da transcendência estão barrados: como não fazem nada, não se podem fazer ser” (*idem*, p. 334). Mas o mito, ou se quiser, o mistério do feminino simplesmente não existe em si. Existe enquanto criação do outro absoluto, enquanto o mistério absoluto, porquanto a essência da mulher é criação que recobre apenas um vazio. O “eterno feminino” é o retrato de sua situação, enquanto o conjunto de seu condicionamento econômico, social, histórico. Incorporando-se ao mundo, projetando-se como liberdade, é que a mulher destrona o mito da feminilidade.

Considerações finais

Em que pese termos percorrido majoritariamente o tomo I do livro *O Segundo Sexo* de Beauvoir, encerraremos com sua célebre frase presente no início do tomo II: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (2009, p. 11). Não à toa estas palavras tornaram-se conhecidas. Nelas está presente a síntese exata do pensamento de Beauvoir. Não existem mulheres em si, enquanto essências; existem sujeitos que, querendo, tornam-se mulheres. É importante ressaltar o fazer-se no tempo. É no devir que a mulher pode aparecer. O gênero, por sua vez, deve ser pensado enquanto ferramenta¹⁵ para entender instituições mais do que sujeitos. Tal é o modo de

¹⁵ Cf. YOUNG, 1997.

compreender esse fundo comum que perpassa a vida de indivíduos que foram marcados pelos traços do feminino. É importante que se entenda que para Beauvoir:

Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: ‘no estado atual da educação e dos costumes’ Não se trata aqui de anunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular (BEAUVOIR, 2009, vol. II, p.7).

Ora, Beauvoir descreve as situações comuns de mulheres numa sociedade marcada pelos traços do capitalismo e do patriarcado. Isto não pretende, contudo, alcançar quaisquer níveis de universalidade. A autora está interessada antes em denunciar a educação, a cultura, a economia, e as instituições (como a igreja e o casamento) como modos de construção e contribuição para opressão de sujeitos situados. É antes demonstrar que as relações travadas com o seu “oposto”, ainda que dentro da lógica binária, é prejudicial à ambos. Do mesmo modo que a revolução proletária pretendia libertar não apenas os operários mas todos sujeitos à lógica capitalista, Beauvoir sugere que ao alçar a mulher na condição de sujeito, todas as relações são beneficiadas. Em suma, é por retratar de modo minucioso, trazendo toda a complexidade cabível ao tema, que a filósofa francesa abriu espaço para se pensar em gênero. É no campo do social, não do biológico ou da essência, que se pode encontrar as causas de opressão da mulher. É no entrelaçamento entre sujeitos individuais e pautas sociais que se pode desenhar outros futuros possíveis.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Vols. I e II Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. Ed: Elefante, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRECIADO, Beatrice. *TestoJunkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 edições: 2018.

RIBEIRO, Katiúscia; NASCIMENTO, Wanderson. *Matrigestão e Matripotência como dimensões políticas*. Youtube, 2020. 1 vídeo (57 min). Disponível em: https://youtu.be/G4ceHRNt_6Y. Acesso em 27/04/2022.

RODRIGUES, Carla. “Ser e Devir: Butler leitora de Beauvoir”. In Dossiê Simone de Beauvoir. *Cadernos Pagu*. 2019, n.56, e195605. Epub. Feb, 03, 2020. ISSN 1809-4449. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560005> (acesso em 02/12/2021).

RUBIN, Gayle. *Políticas do Sexo*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Ed: UBU, 2017.

VETTORE, Rebecca. *Posto de saúde faz mulheres baixarem calça para liberar anticoncepcional*. UOL, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/04/14/para-tomar-injecao-e-nao-engravidar-tem-que-provar-que-esta-menstruada.htm>. Acesso em: 27/04/2022.

YOUNG, Iris Marion. *On female body experience: “Throwing like a girl” and other essays*. In: *Studies in feminist philosophy*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

_____. *Intersecting Voices: Dilemmas of Gender, Political Philosophy, and Policy*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1997.

Recebido em: 03/03/2022

Aprovado em: 23/05/2022